Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2016

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

O estudo do revisionismo histórico brasileiro na sala de aula: os casos da "ditabranda" da Folha de S. Paulo e da "ditadura à brasileira" de Marco Antonio Villa

Eurico da Silva Fernandes

Este artigo visa discutir uma direita intelectual e sua especializada operação histórica a fim de alcançar a revisão da história do golpe e da ditadura civil-militar (1964-1985) e desta forma torná-los mais aprazíveis às memórias das direitas contemporâneas do Brasil. Visa também relatar experiências da sistematização deste estudo numa escola pública do Estado do Paraná.

Palavras chave: escola; revisionismo histórico; golpe; "ditabranda"; intelectual

Introdução

O revisionismo histórico contemporâneo não é algo novo e também não foi originalmente brasileiro. Surgiu no continente europeu na esteira de processos econômicos e sociais de larga envergadura, como a crise do "socialismo real", a crise do keynesianismo e do *Welfare State*[1], além de toda a ascensão ao poder da direita em torno da ideologia neoliberal[2]. No campo precisamente historiográfico ganhou notoriedade pública no fim dos anos 1980 quando Eric Hobsbawm o criticou no bicentenário da Revolução Francesa, com a obra *Ecos da Marselhesa*[3]. Nesse livro o intelectual de *Cambridge* interessou-se em fazer um balanço historiográfico da revolução e também realizar debates com os seus últimos revisores, em particular com François Furet. Suas críticas ao intelectual francês, também um famoso historiador, deu-se pelo fato dele buscar a naturalização da sociedade burguesa através dos tempos, chegando ao ponto de desqualificar as próprias interpretações burguesas daquela revolução (feitas ainda no século XIX por François Guizot e outros historiadores), pois não lhe agradava a análise classista dos processos iniciados em

---

[1] DREIFUSS, René. *A internacional capitalista:* estratégias e táticas do empresariado transnacional (1918-1986). Rio de Janeiro: Espaço Tempo, 1986, p. 81.

[2] Conf. ANDERSON, Perry. "Balanço do Neoliberalismo". In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo Gentil (Org.). *Pós-neoliberalismo*: As políticas Sociais e o Estado Democrático. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 10.

[3] HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

1789[4]. Naquele continente, além da Revolução Francesa outros temas historiográficos da contemporaneidade, sempre os mais candentes, foram revisados, a exemplo das trágicas experiências nazi-fascista da Alemanha e da Itália. A esses soma-se ainda os temas da guerra civil espanhola que destruiu sua incipiente república; também os da ditadura salazarista em Portugal e o do episódio do holocausto contra os judeus. No Brasil um dos objetos onde a direita intelectual mais investiu tempo, pesquisa, erudição e recursos nos últimos anos foi o tema do golpe e da ditadura civil-militar.

Tanto aqui como na Europa existem alguns elementos comuns que permitem a identificação dos intelectuais revisionistas contemporâneos. Todos foram sempre bem acolhidos na grande mídia e ganharam amplos espaços para expor suas "novas" ideias históricas. Debruçaram-se sobre os temas mais polêmicos, nos quais as clivagens entre a direita e a esquerda são visíveis e a memória coletiva passou a ser intensamente disputada. Foram extremamente severos e literalmente condenaram as experiências das esquerdas, seja quando estiveram no governo ou quando estiveram na resistência a processos autoritários ou violentos. Foram igualmente condescendentes com as atrocidades cometidas por regimes autoritários (a exemplo da ditadura brasileira), relativizando os seus horríveis feitos ou até prestigiando alguns dos seus líderes, a exemplo do que fez Elio Gaspari, autor que não deixou faltar uma "homenagem [...] aos ditadores" nas suas obras *Ditadura Envergonhada* e *Ditadura Escancarada*[5]. Apresentaram as atrocidades que relativizaram como reações legítimas frente à suposta violência que viria da esquerda, a exemplo do "contragolpe" militar que teria frustrado a suposta violência golpista do então presidente João Goulart[6]. Apresentaram uma história que (beirando o maniqueísmo e sua natural visão binária entre o bem e o mal) destituiu do processo de luta política qualquer nexo com interesses materiais e sociais entre os atores, segmentos, classes e os povos envolvidos. Advogaram, mesmo se historiadores, o esquecimento e não aceitaram possíveis condenações por violação dos direitos humanos e por crimes de lesa

---

[4] MELO, Demian Bezerra de. "Revisão e revisionismo historiográfico: as disputas pelo passado e os embates políticos contemporâneos". *Marx e o Marxismo*, Niterói, v.1, n.1, p.49-74 jul/dez 2013. Disponível em: http://www.marxeomarxismo.uff.br/index.php/MM/article/view/11/7. Acesso em 12/08/1016.

[5] Conf. MAESTRI, Mário; JAKOBSKIND, Mário. "A historiografia envergonhada". *Revista Espaço Acadêmico* – Ano III – Nº 24 – Maio de 2003 – Mensal – ISSN 1590.6186. http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_gaspari.htm. Acesso em 26/05/2016.

[6] VILLA, Marco Antonio. "Golpe à brasileira". *Estadão*, 19/02/2014. Disponível em: http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,golpe-a-brasileira-imp-,1131917. Acesso em 24/05/2016.

humanidade, daí aqui no Brasil se expressarem fortemente contra a *Comissão da Verdade*.

Em Portugal a defesa do esquecimento dos fatos negativos da ditadura salazarista e do colonialismo sobre a África ficou conhecido como "branqueamento" da história. Na Espanha o revisionismo defendeu um "pacto pelo silêncio", visando esquecer a violência do franquismo. No Brasil tivemos a "ditabranda" juridicamente anistiada em 1979[7]. Ernest Nolte, historiador alemão falecido em agosto de 2016, foi um dos "grandes" revisores do nazismo. Em um artigo de 1986, intitulado *O passado que não quer passar*, convidou os alemães ao esquecimento da experiência nazista e, mais do que isso, desceu as raias do absurdo de justificar essa barbárie como supostamente preventiva a outra que viria do exterior contra a Alemanha. Conforme perguntou, mas sem conseguir dar qualquer resposta a contento, "não cometeu Hitler um crime 'asiático' apenas talvez porque considerava a si e a seus iguais como vítimas potenciais ou reais de um 'crime' asiático"[8]? Na minúscula comunidade dos intelectuais o texto de Nolte caiu como uma bomba e o filósofo Habermas o acusou de "normalizar" a tragédia nazista[9].

Para além do nazismo alemão, toda a experiência europeia de extrema direita passou a ser objeto de uma positiva restauração e houve também o revisionismo do fascismo italiano, sendo particularmente famoso aquele confeccionado pelo historiador Renzo De Felice. Entre suas tantas operações históricas altamente questionáveis, Felice batalhou para promover a "reabilitação" da própria figura de Benito Mussolini, exaltando-o como um suposto "patriota" que teria salvo a Itália do destino polonês[10]. Já o revisionismo espanhol versou particularmente sobre a história de sua guerra civil (1936-1939) e entre os seus principais promotores estão os historiadores Luis Suarez e Pío Moa. O primeiro escreveu um verbete no *Diccionario Biográfico Español* dedicado a restauração da imagem do general Franco e de seu governo. Mesmo reconhecendo-o como autoritário, Franco estaria muito distante do

---

[7] SILVA, Carla Luciana. Imprensa e construção social da "Ditabranda". In: MELO, Demian Bezerra (org). *A miséria da historiografia*. Rio de Janeiro, 2014, p. 203 e 204.

[8] NOLTE, Ernst. "O passado que não quer passar*". Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 25, p.10-15, 1989. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/59/20080623_passado_que_nao_quer_passar.pdf. Acesso em 12/08/2016.

[9] MELO Demian Bezerra de. Nolte e a historiografia revisionista. *Junho Blog*. 20/08/2016. http://blogjunho.com.br/ernst-nolte-e-a-historiografia-revisionista/#_ftn12. Acesso em 29/08/2016.

[10] MELO, Demian Bezerra de. "Revisão e revisionismo... *op. cit*, 2013.

ponto de promover uma “ditadura” e muito mais distante ainda do “fascismo”. Concluiu também que o governo de esquerda republicano anterior gerou um período de interminável “caos”, ficando justificada então a guerra civil que o destruiu[11]. Pío Moa, por sua vez, escreveu *Los orígenes de Guerra Civil española*, uma obra na qual procurou subtrair toda a legitimidade da resistência das forças de esquerda e do governo republicano, afirmando que embora estes segmentos evocassem a democracia, foram os verdadeiros responsáveis por destruí-la[12].

Em Portugal, o “branqueamento” da história criou o mito da revolução africana “sem mortos”, ou seja, o esquecimento da violência dos exércitos portugueses colonialistas contra os guerrilheiros nativos em luta pela independência de seus respectivos países. Além do mais, a Revolução dos Cravos (1974-1975) que pôs fim a ditadura salazarista foi considerada pelo revisionismo uma “doença” que surgiu no momento que se estaria acontecendo a “transição” pacífica para a democracia[13]. Um último tema que provocou muito debate na Europa foi o revisionismo do episódio do holocausto contra os judeus, simplesmente negado. Ao que tudo indica, a pequena comunidade dos historiadores sofreu outro “choque” com a negação de sua existência e sentiu a necessidade de cunhar um termo pejorativo para designá-lo. Nasceu então a palavra *negacionismo*, uma “variante minoritária” e radical do revisionismo histórico[14]. Alguns dos *negacionistas* mais famosos e que ainda inspiram a outros tantos no presente foram Paul Rassinier e Robert Faurisson. Rassinier escreveu *A mentira de Ulisses*[15] já em 1951 e Faurisson endereçou, em fins dos anos 1970, três artigos ao jornal *Le Monde*: *The Problem of the Gas Chambers* or *The Rumourof Auschwitz* (1978); *A letter from Mr Faurisson* e *One proof, one single proof* (1979)[16].

---

[11] Idem.

[12] MOA, Pío. *Los orígenes de la Guerra Civil española*. Madrid: Encontro, 2009, p. 398.

[13] VARELA, Raquel. Conflito ou coesão social? Apontamentos sobre história e memória da Revolução dos Cravos (1974-1975). In: MELO, Demian Bezerra de (org). *A miséria da historiografia*: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 248 e 249.

[14]SOUTELO, Luciana de C. *A memória do 25 de Abril nos anos do cavaquismo*: o desenvolvimento do *revisionismo histórico* através da imprensa (1985-1995). Dissertação de mestrado em História Contemporânea. Universidade do Porto, Porto, setembro de 2009, p. 100.

[15] RASSINIER, Paul. *La Mentira de Ulises*. Barcelona: l’AAARGH, [1951], 2003. Disponível em: https://pt.slideshare.net/MurodelHonor/la-mentira-de-ulises-paul-rassinier. Acesso em 24/10/2017.

[16] FAURISSON. R. Three Letters from R. Faurisson to *Le Monde* (1978-1979)”. The Unofficial blog, 08/05/2000. Encontrado em: http://robertfaurisson.blogspot.com.br/2009/09/three-letters-from-professor-faurisson.html. Acesso em: 24/10/2017.

Mas o revisionismo que aqui importa é o do golpe e da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Este artigo é parte do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná e seu objetivo foi orientar atividades escolares voltadas ao ensino da história desses processos a partir de um enfoque crítico de sua recente revisão intelectual e midiática. A realização da intencionalidade desse texto já aconteceu numa escola pública desse Estado e seus demais objetivos específicos são, além do pequeno histórico do revisionismo histórico acima descrito, observar a relação do lugar social de Marco Antonio Villa com a sua produção historiográfica; anotar também a relação da "ditabranda" da *Folha de S. Paulo* com a *"Ditadura à brasileira"* desse mesmo autor e, por fim, relatar algumas experiências e problemas da aplicação desse trabalho na escola, espaço de um "espectro de possibilidades"[17] educacionais.

Em 2004 e 2014 (datas do quadragésimo e quinquagésimo aniversário do golpe de 1964) uma enorme profusão de livros historiográficos e de artigos jornalísticos foram publicados. Aproveitando-se desses dois momentos Marco Antonio Villa também lançou os seus trabalhos e demonstrou contrariedade às "velhas interpretações"[18] então hegemônicas sobre estes dolorosos processos da história brasileira. Na primeira data publicou *Jango, um perfil*[19] e na segunda *Ditadura à brasileira*[20], além de vários artigos de cunho histórico também publicados na *Folha de S. Paulo*, n'*O Globo* e no *Estadão*, demonstrando o mesmo furor revisionista. Chegou

---

[17] CAMARGO, J. S. Interação professor-aluno: a escola como espaço interativo: In: MARTINS, J. B. *Na perspectiva de Vygotsky*. Londrina: Cefil; São Paulo: Quebra Nozes, 1999, p. 78.

[18] Para uma leitura dessa corrente historiográfica, ver DREIFUSS, René. 1964: *A conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis, Vozes, 1981.FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. OLIVEIRA, Francisco. *Crítica a razão dualista*. O ornitorrinco. São Paulo, Boitempo, 2003. BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. 1964: um golpe de classe? (Sobre um livro de René Dreifuss). *Lua Nova*, São Paulo, n. 58, p. 255-261, 2003. Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000100012&lng=en&nrm=iso>.
accesson 01 July 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452003000100012. MELO, Demian. O golpe de 1964 como uma ação de classe. *Revista – Verdade, Memória, Justiça*, janeiro de 2013. Disponível em www.revistavjm.com.br/artigos/o-golpe-de-1964-como-uma-acao-de-classe/. Acesso em 09/08/2016.

[19] VILLA, Marco Antonio. *Jango, um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo, 2004.

[20] VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira (1964-1985):* a democracia golpeada à direita e à esquerda. São Paulo: LeYa, 2014.

ao ponto de classificar o próprio presidente destituído João Goulart como “banana”[21] e golpista[22], além das esquerdas que resistiram a ditadura de “terroristas”[23]. O revisionismo de Villa foi, porém, bem mais adiante. Por maiores que sejam as diferenças metodológicas e os objetivos entre obras como *Reflexões sobre os estados burocrático-autoritários*[24] e *A revolução burguesa no Brasil*[25], ambas vislumbram o golpe e a imposição da ditadura como uma ação de classe ou, ao menos, de uma elite social descontente com o projeto social e os rumos políticos do governo João Goulart. De forma bem diferente desses livros, os dois de Villa passaram ao largo da problemática classista, social e econômica, explicando o 1964 hora em decorrência do mero “perfil” psicológico de João Goulart, como em *Jango, um perfil*, hora por um secular déficit democrático inscrito na cultura política de todos os atores envolvidos, em particular das esquerdas destituídas do poder, como em *Ditadura à brasileira*.

Villa e o lugar midiático de sua fala

Marco Antonio Villa nasceu em 1955 no Estado de São Paulo e, aos 38 anos, com a tese *Canudos, o povo da terra* (1993), recebeu investidura do título de doutor em história social pela Universidade de São Paulo (USP). Foi professor associado ao Departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), entre 1994 e 2013[26], e possui considerável número de obras historiográficas publicadas nos últimos vinte anos: *A queda do Império: os últimos momentos da monarquia no Brasil* (1996); *Vida e Morte no Sertão* (2000); *Jango: um perfil (1945-*

---

[21] ULHÔA, Raquel. “Historiador diz que série busca visão independente”. *Folha de S. Paulo*, 08/01/2001. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0801200104.htm. Acesso em 07/05/2016.

[22] RAMALHO, Renan. “Controvérsias sobre o dia do golpe de 1964 ainda divide historiadores”. *G1*, 31/03/2014. Disponível em: http://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/noticia/2014/03/controversia-sobre-o-dia-do-golpe-de-1964-ainda-divide-historiadores.html. Acesso em: 30/08/2016.

[23] VILLA, Marco Antonio. “Golpe à brasileira”. *Estadão*, 19/02/2014. Disponível em: http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,golpe-a-brasileira-imp-,1131917. Acesso em 24/05/2016.

[24]GUILLERMO O’Donnell. *Reflexões sobre os estados burocrático-autoritários*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1987.

[25]FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

[26] Informações coletadas da Plataforma Lattes. Acesso em 24/04/2016. Também coletadas no Blog do Marco Antonio Villa. Disponível em: http://www.marcovilla.com.br/2016/05/lancamento-meu-novo-livro-collor-presidente.html. Acesso em 08/05/2016.

1964) (2003); *Mensalão* (2012); *Década perdida. Dez anos de PT no governo* (2013); *Ditadura à brasileira (1964-1985): a democracia golpeada à direita e à esquerda* (2014); *Um país partido: (2014) – a eleição mais suja da história do Brasil* (2014); entre outras. Villa foi também um dos principais escritores do projeto *Sociedade e História do Brasil* publicado pelo *Instituto Teotônio Vilela*, órgão ligado a "formação política" do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)[27]. Esta proposta historiográfica foi executada no decorrer do ano de 2001, com o lançamento de 15 volumes da história brasileira, todos a partir de uma perspectiva de síntese e de história geral[28]. Mas sua atuação no campo da história é ainda bem maior. Em parceria com Joaci P. Furtado possui duas coleções de livros didáticos, uma pela editora *Moderna* (2007) e outra pela *Ática* (2003). Tem também trabalhos na área de "consultoria histórica" para pessoas que desejam a organização de arquivos privados; atuou ainda na organização de provas para vestibular; além de sugestões para o suplemento da revista "*Veja* na sala de aula"[29].

Além do multifacetado trabalho como historiador, Villa escreve esporadicamente no jornal *Folha de S. Paulo* desde, pelo menos, o início do novo século. Não obstante, no começo de sua segunda década, a participação desse historiador no mundo midiático tornou-se praticamente diária, eclipsando sua atuação como professor da UFSCar. Atualmente possui artigos e trabalhos jornalísticos n' *O* Globo, *Estadão*, *na Tveja* da revista *Veja*, na rádio *Jovem Pan*, nos think tank *Institutos Millenium* e *Teotônio Vilela* e participação em programas *Roda Viva* da *TV Cultura*, particularmente em razão da candência dos temas envolvendo o golpe de 1964 quando fazia em 2014 o seu quinquagésimo aniversário. Villa possui também um ativo perfil na rede social *Facebook* no qual já produziu textos próximos ao jornalismo e demonstrou grande militância política e oposicionismo aos governos petistas, somado a um micro blog intitulado *Blog do Marco Antônio Villa*, cuja finalidade foi a mesma. Tão grande foi essa sua postura nas eleições de 2010 e 2014 que, na primeira delas,

---

[27] "O Instituto". *Instituto Teotônio Vilela*. http://itv.org.br/sobre. Acesso em 08/05/2016.

[28] "Passado reinterpretado. Instituto Teotônio Vilela do PSDB cria polêmica com revisão da história". Folha de São Paulo, 17/01/2001. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoe-temp/1633/brasil/1633_passado_reinterpretado.htm. Acesso em 07/05/2016.

[29] Conf. GARCIA, Miliandre. Os muitos perfis de Jango. *Rev. Sociol. Polit*., Curitiba, n. 24, p. 251-255, June 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782005000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 26 June 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782005000100017

em artigo publicado no *Instituto Millenium*, chegou a dirigir severas críticas ao "comportamento light" da oposição de direita, buscando animá-la e radicalizá-la à disputa que se avizinhava[30]. Quatro anos depois, dando como certa a derrota do partido governista, publicou *Adeus PT* no mesmo instituto[31].

Para a compreensão de suas operações e estratégias historiográficas é importante reconhecer a "particularidade do lugar" de onde fala, isto é, toda essa posição midiática que ocupou na sociedade, uma espécie de campo de luta política e ideológica que produziu uma "marca [...] indelével" em suas investigações históricas[32]. O universo midiático por onde circulou e que o inundou foi, acima de tudo, a matriz de onde nasceu a orientação para as suas produções historiográficas. As fontes que alimentam os seus textos, o alinhamento ideológico, a própria organização da narrativa; as categorias que utiliza nas análises; e, claro, as motivações político-subjetivas dos seus escritos, estão, todos, postos de antemão no pensamento único e no fazer-se diário da mídia. Acompanhando-a por dentro, ela o alimentou, o inspirou e lhe deu vida intelectual. Sua grande capacidade não esteve na abordagem objetivada, original e científica, mas na compreensão daquilo que a grande mídia e a direita desejaram e, claro, na capacidade de organizar e sistematizar essa opinião em um livro historiográfico que, para Demian Melo, a exemplo de *Ditadura à brasileira*, não precisaria sequer ser lido:

> Como intelectual de bolso dos talibãs do neoliberalismo, presença constante como comentarista político – não, certamente, por algum mérito como pesquisador –, da TV Cultura à Globo News, da VEJA à blogosfera direitista, que Villa cumpra esse papel não deve espantar nenhuma pessoa bem informada. Sua *Ditadura à brasileira* não é um livro que precise ser lido; assim como os intragáveis *Guias politicamente incorretos* "disso e daquilo" não precisam de qualquer consulta atenta para se saber o tipo de literatura temos pela frente: *mera manipulação ideológica* [itálico original][33].

---

[30] VILLA, Marco Antonio. "Onde está a oposição"? *Instituto Millenium*, 11/08/2010. Disponível em: http://www.institutomillenium.org.br/artigos/onde-esta-a-oposicao/. Acesso em 17/06/2016.

[31] VILLA, Marco Antonio. "Adeus PT". *Instituto Millenium*. 07/05/2014. Disponível em: http://www.institutomillenium.org.br/artigos/adeus-pt/. Acesso em 29/06/2016.

[32] Para Certeau "não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa entendê-las, capazes de suprimir a *particularidade* do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével". Conf. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 65.

[33] MELO, Demian Bezerra de. "A historietografia de Marco Antonio Villa: um negacionista à brasileira". *Hum historiador*. 07/02/2014. Disponível em: https://umhistoriador.wordpress.com/2014/02/07/a-historietografia-de-marco-antonio-vila-um-negacionismo-a-brasileira/. Acesso em 18/05/2016.

A "ditabranda" da *Folha de S. Paulo* e a "Ditadura à brasileira" de Marco Antonio Villa

Um polêmico fenômeno midiático bastante inusitado foi a motivação original de Villa para a confecção e publicação do livro *Ditadura à brasileira*, em 2014. Bem antes desse lançamento, ainda em 5 de março de 2009, o historiador havia lançado um artigo na *Folha de S. Paulo* exatamente com o mesmo título e, ainda que de forma sucinta, também com as mesmas teses: a) todos eram golpistas, mas principalmente a esquerda governista golpeada[34]; b) não foram 21 anos de ditadura, mas apenas dez, do AI 5 (dezembro de 1968) à Lei de Anistia (agosto de 1979)[35]; c) a resistência armada careceria de qualquer utopia social transformadora e reduzia-se a terroristas sedentos por poder e desejosos da implantação da "ditadura comunista" de "partido único"[36]; d) a implantação da ditadura brasileira só depois do AI 5 trouxe "níveis baixos de violência política e institucional" em "comparação" as do Cone Sul[37], além de ter sido uma reação aos que lutaram contra o regime instaurado em 1964, ainda democrático. Todas estas ideias, somadas a outras como a do progresso material da ditadura[38], foram importantes para compor o sentido geral revisionista tanto do artigo de 2009 como do livro de 2014. Mas em qual contexto midiático Villa publicou aquele artigo em março do primeiro ano?

Dias antes, em 17 de fevereiro de 2009, um editorial da *Folha de S. Paulo* intitulado *Limites a Chavez*, hoje mais conhecido como editorial da "ditabranda", demonstrou profunda ojeriza a recém vitória de Hugo Chávez no referendo que lhe permitia concorrer a um novo mandato presidencial. Não obstante a vitória desse presidente contar com 54,9% dos votos dos venezuelanos, o artigo o colocava na posição de "caudilho" governante de um "regime autoritário" que, oposto ao que foi a

---

[34] Em vários pontos Villa buscou demonstrar um suposto golpismo de João Goulart. Em 1961 no seu trabalho de "solapamento" do regime parlamentarista. Posteriormente na frustrada mensagem ao congresso nacional para a aprovação do *Estado de Sítio*. E, por fim, no suposto desejo de candidatar-se, forçosamente, a eleição presidencial de 1965. VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira...* op. cit., 2014.

[35] Sua tese, porém, choca-se com a própria história. Os manifestantes da marcha dos *100 mil* em junho de 1968 e os da *Diretas Já* de 1984 seriam, na perspectiva de Villa, desviantes da correta narrativa histórica, pois foram às ruas contra a ditadura ou quando esta ainda não existia ou quando já havia terminado.

[36] VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira...* op. cit., 2014, p. 384.

[37] NOTA DA REDAÇÃO. "Painel do Leitor". *Folha de S. Paulo.* Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1902200910.htm. Acesso em 10/10/2017.

[38] VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira...* op. cit., 2014, 376.

“ditabranda” brasileira, não buscava instituir formas honestas de “disputas políticas” e também de “acesso à justiça”[39]. Como se poderia esperar, a resposta e a pesada crítica às falácias históricas e ao próprio neologismo “ditabranda” não tardaram a vir. E vieram principalmente por parte de intelectuais hospedados na blogosfera.

O blogueiro Eduardo Guimarães do *Movimento dos Sem Mídias* (MSM) organizou para 07 de março de 2009 um protesto em frente à sede da *Folha de S. Paulo*, no centro da cidade, que, segundo os seus próprios cálculos, contou com cerca de 500 pessoas entre sindicalistas, familiares de vítimas da ditadura e militantes em geral[40]. Mas o protesto não foi apenas em razão do jornal manipular a história em busca de abrandar o regime iniciado em 1964. Foi também uma forma de desagravo aos professores da USP Maria Victoria Benevides e Fábio Konder Comparato pelo anátema que ambos receberam do próprio dono do jornal, Otávio Frias Filho, que em “Nota da Redação” posta no *Painel do Leitor*, os acusou, em 20 de fevereiro de 2009, de cínicos e mentirosos, pois no mesmo espaço ambos professores haviam sido duros em suas críticas a “ditabranda” do jornal. Então, Frias os contestou da seguinte forma:

> Nota da Redação - A Folha respeita a opinião de leitores que discordam da qualificação aplicada em editorial ao regime militar brasileiro e publica algumas dessas manifestações acima. Quanto aos professores Comparato e Benevides, figuras públicas que até hoje não expressaram repúdio a ditaduras de esquerda, como aquela ainda vigente em Cuba, sua "indignação" é obviamente cínica e mentirosa[41].

A interferência de Otávio Frias Filho fez a discussão prosperar, nascendo uma verdadeira batalha midiática e intelectual. Villa, em 05 de março, dois dias antes do protesto na sede do jornal, percebeu a atmosfera e saiu em defesa do empresário. Sem fazer uso da expressão “ditabranda”, publicou o artigo *Ditadura à brasileira*, o mesmo título que utilizaria cinco anos depois para o livro. Em consonância com a *Folha*, expôs ali as ideias e teses historiográficas futuramente desenvolvidas, entre as quais o abrandar da violência e o encurtar temporal da ditadura foram primordiais. Também em apoio ao senhor Frias, a revista *Veja*, com o colunista Reinaldo Azevedo,

---

[39] EDITORIAL. “Limites a Chaves”. *Folha de S. Paulo*, 17/02/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1702200901.htm. Acesso em 05/05/2016.

[40] GUIMARÃES, Eduardo. “Pela Justiça e Paz no Brasil”. *Cidadania.com – Uol blog*, 07/03/2009. Disponível em: http://edu.guim.blog.uol.com.br/arch2009-03-01_2009-03-07.html. Acesso em 06/05/2016.

[41] FILHO, Otávio Frias. “Painel do Leitor”, *Folha de S. Paulo*, 20/02/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2002200910.htm. Acesso em 09/05/2016.

partiu para o ataque agressivo e chulo a Benevides e Comparato[42]. O intelectual Rodrigo Constantino, presidente do *Instituto Liberal* e membro fundador do *Instituto Millenium* (no qual Villa atuaria como *Especialista* a partir de 2010), mesmo não citando nomes e nem a discussão gerada pelo neologismo "ditabranda", também saiu em socorro da *Folha* com o seu blog *Rodrigo Constantino*, onde publicou em 01 de março de 2009 um artigo que o intitulou *O Contexto de 1964*[43]*.* As ideias nele desenvolvidas, não fosse pela questão temporal, poderiam ser uma perfeita resenha do livro *Ditadura à brasileira* (2014), tamanha a coincidência entre as perspectivas de ambos escritos. Outro intelectual com um estilo bastante agressivo foi Diogo Mainardi, também da revista *Veja* a época, onde publicou a *Vichy do PT*, atacando a Universidade de São Paulo (USP) e os seus intelectuais, sendo Maria Victoria Benevides a mais criticada[44].

No campo oposto vários intelectuais, artistas e jornalistas fora do eixo da grande mídia (como o arquiteto Oscar Niemeyer e o compositor Chico Buarque de Holanda) assinaram um manifesto intitulado *Repúdio e Solidariedade*. Foi um manifesto contrário à ideia da brandura daquele regime e, ao mesmo tempo, para desagravo das vítimas simbólicas de Otávio Frias Filho. Sua versão eletrônica contou com cerca de 7000 assinaturas e dizia o seguinte:

> REPÚDIO E SOLIDARIEDADE Ante a viva lembrança da dura e permanente violência desencadeada pelo regime militar de 1964, os abaixo-assinados manifestam seu mais firme e veemente repúdio a arbitrária e inverídica revisão histórica contida no editorial da Folha de S. Paulo do dia 17 de fevereiro de 2009. [...]. Repudiamos, de forma igualmente firme e contundente, a Nota de redação, publicada pelo jornal em 20 de fevereiro (p. 3) em resposta as cartas enviadas a Painel do Leitor pelos professores Maria Victoria de Mesquita Benevides e Fabio Konder Comparato. Sem razoes ou argumentos, a Folha de S. Paulo perpetrou ataques ignominiosos, arbitrários e irresponsáveis a atuação desses dois combativos acadêmicos e intelectuais brasileiros. [Destaque original][45]

---

[42] AZEVEDO, Reinaldo. "Maria Victoria e Comparato usam lei da ditadura para contestar ditabranda". *Blog Reinaldo Azevedo. Veja*, 14/03/2009. Disponível em: http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/maria-victoria-e-comparato-usam-lei-da-ditadura-para-contestar-a-ditabranda/. Acesso em 06/05/2016.

[43] CONSTANTINO, Rodrigo. "O contexto de 1964". *Blog Rodrigo Constantino*, 01 de março de 2009. Disponível em: http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2009/03/o-contexto-em-1964.html. Acesso em 18/06/2016.

[44] MAINARDI, Diogo "Vichy do PT". *Veja*, 26/02/2009. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/podcasts/mainardi/integra_260209.html. Acesso em 24/06/2016.

[45] MANIFESTO "Repúdio e Solidariedade". *Ipepition*, s/d Disponível em: https://www.ipetitions.com/petition/solidariedadeabenevidesecomparat/. Acesso em 27/05/2017.

Enquanto no dia oito de março de 2009 a *Folha de S. Paulo* desculpava-se com os professores Benevides e Comparato da USP, repudiando a *Nota da Redação* escrita por Otávio Frias em 20 de fevereiro[46], o próprio Frias, no mesmo dia oito, reafirmava em outro artigo suas ideias de brandura do regime e também os seus ataques aos intelectuais, desqualificando-os desta vez como "democratas de fachada"[47]. A batalha intelectual evidentemente prosseguiria, diferenciando nitidamente um campo de direita e outro de esquerda, sendo que este segundo se mostrou muito mais profícuo na mídia alternativa hospedada na internet. Blogues como *Conversaafiada* de Paulo Henrique Amorin[48], *GGN* onde escreve Luis Nassif[49], *Escrevinhador* de Rodrigo Vianna[50] e a página do *Vermelho* do PC do B[51], não deixaram barato o neologismo "ditabranda" da *Folha de S. Paulo*. O jornal *Brasil de Fato* também lançou matéria intitulada *Para Folha de S. Paulo, regime militar no Brasil foi "ditabranda"*, demonstrando inclusive a irritação de alguns assinantes da própria *Folha*[52]*.* As revistas *Carta Maior* e *Carta Capital* também foram veículos que "bateram" forte no jornal e no senhor Frias. Entre os vários artigos sobre o tema publicados na segunda delas, um foi da própria Maria Victória Benevides, onde já no seu título perguntava: *Ditabranda para quem?* Neste texto a intelectual buscou compreender as

---

[46] DA REPORTAGEM LOCAL. "Manifestação contra a Folha reúne 300 pessoas em frente ao jornal". *Folha de São Paulo*, 08/03/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0803200906.htm. Acesso em 09/05/2016.

[47] REDAÇÃO. "Folha avalia que errou, mas reitera críticas". *Folha de São Paulo*, 08/03/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0803200907.htm. Acesso em 09/05/2016.

[48] AMORIM, Paulo Henrique. "Quem pariu a Ditabranda. É a turma da 'catástrofe' antecipada e não consumada". *Conversaafiada*, 19/03/2009. Disponível em: http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2014/03/19/quem-pariu-a-ditabranda. Acesso em 24/05/2009.

[49] VIVI. "Folha e a Ditabranda". *GGN*, 20/02/2009. Disponível em: http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-folha-e-a-ditabranda. Acesso em 24/05/2014.

[50] VIANNA, Rodrigo. "Otavinho Frias mentiu. Comparato criticou Cuba; Ombudsman reconhece 'erro factual' da Folha". *Revista Fórum*. Postado em 11/03/2009. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/radar-da-midia/otavinho-frias-mentiu-comparato-criticou-cuba-ombudsman-reconhece-%C2%B4erro-factual%C2%B4-da-folha/. Acesso em 06/05/2016.

[51] AMORIM, Paulo Henrique. "Folha, o jornal da 'Ditabranda', oculta crimes da ditadura". *Vermelho*, 27/11/2009. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia/120231-6. Extraído de Acesso em 24/05/2016. O portal *Vermelho* extraiu esta matéria do blog *Conversaafiada* de Paulo Henrique Amorim.

[52] TOLEDO, Renato Godoy de. "Para Folha de S. Paulo, regime militar no Brasil foi 'ditabranda'" *Brasil de Fato*, 26 de fevereiro a 4 de março de 2009. Disponível em: https://issuu.com/brasildefato/docs/bdf_313. Acesso em 27/05/2017.

razões da “inacreditável estupidez” da *Folha*, listando entre as possibilidades a luta jurídica do professor Comparato contra os torturadores “anistiados”, o “revisionismo histórico” contrário ao “Direito à Memória e à Verdade” e ainda a possível derrota do “esquema PSDB-DEM” nas eleições de 2010, que se aproximavam[53].

Extrapolando o mundo particular do jornalismo, artigos científicos, críticos ao neologismo da *Folha de S. Paulo*, também foram produzidos. Caio Navarro de Toledo, o intelectual organizador do manifesto *online*, escreveu *Crônica política de um documento contra a ‘ditabranda’* (2009)[54] e Sônia Meneses, no VII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado em Fortaleza no mês de agosto de 2009, apresentou o trabalho *Entre a Ditadura e a Ditabranda: a atuação da Folha de S. Paulo no golpe de 1964*[55]. Mas a discussão em torno da “ditabranda” não ficou circunscrita ao mundo acadêmico e nem ao jornalismo virtual ou impresso. Seu transbordamento ao grande público ocorreu quando o programa *Domingo Espetacular* de 5 de abril de 2009, da TV *Rede Record*, o noticiou com uma reportagem de 13 minutos. Era apenas o início de uma pequena série jornalística intitulada *O Escândalo da Ditabranda*. Nas chamadas ao telespectador, essa TV se comprometia a demonstrar a “ação conivente do grupo *Folha*” com a ditadura[56].

Quadro orgânico da direita intelectual, foi em meio a esse clima de tensão e de fragilização moral da *Folha de S. Paulo* que o historiador Marco Antonio Villa começou a credenciar-se para a sua atual e triunfante vida ultramidiática. Não que ela inexistisse anteriormente. Há cerca de uma década escrevia artigos nesse mesmo jornal, mas, preparando-se para quando se desvinculasse totalmente das funções letivas na UFSCar, abraçou a oportunidade. Possivelmente sabia que logo mais, com

---

[53] BENEVIDES, Maria Victória. “Ditabranda para quem”? *Carta Capital*, 02/03/2009. Extraído do diretório estadual do PT de Minas Gerais. Disponível em: http://www.ptmg.org.br/ditabranda-para-quem-por-maria-victoria-de-mesquita-benevides/#.V2244KIYs4A. Acesso em 24/06/2016.

[54] TOLEDO, Caio Navarro de. Crônica política sobre um documento contra a "ditabranda". *Rev. Sociol. Polit*., Curitiba, v. 17, n. 34, p. 209-217, out. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782009000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24/06/2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782009000300014.

[55] MENESES, Sônia. “Entre a Ditadura e a Ditabranda: mídia, memória e esquecimento – a atuação da Folha de S. Paulo no golpe de 1964”. *VII Encontro Nacional de História da Mídia*: Mídia Alternativa e Alternativas Midiáticas. Fortaleza, 19 a 21 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Entre%20a%20Ditadura%20e%20a%20201cDitabranda201d.pdf. Acesso em 25/05/2016.

[56] “O Escândalo da Ditabranda”. *Youtube*, 01/04/2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ymyFnhV9_vA. Acesso em 25/06/2016.

o domínio total de seu tempo, Otávio Frias, os anos de investimento intelectual na *Folha* e sua capacidade de análise histórica, o habilitariam ao glamour das mais variadas mídias contemporâneas, inclusive das televisionadas. Então, sem titubear, expôs para este empresário, para os leitores do seu jornal e para a direita em geral que se dispunha a colocar a história das esquerdas em maus lençóis. Embora as ideias do artigo *Ditadura à brasileira* não possuam nenhuma novidade, esboçou algumas das grandes estratégias da direita intelectual brasileira, entre as quais a obrigação de narrar, a todo custo, o golpismo histórico de João Goulart e o desprezo geral das esquerdas pela democracia; a obrigação de abrandar a história dos "anos de chumbo", azeitando-a em relação as outras ditaduras do Cone Sul, além de desviar, a qualquer custo metodológico, o olhar para projetos classistas distintos e em ferrenha disputa histórica no período prévio ao golpe. Em 2014, no cinquentenário do golpe, aprofundou as mesmas teses revisionistas no livro de mesmo título, conseguindo "convalidar no presente os interesses da sua corporação" midiática relativa à memória[57].

Sala de aula: estudo crítico do revisionismo histórico

Uma das características mais marcantes do revisionismo contemporâneo é passar ao largo das discussões acerca da história dos trabalhadores. No caso da ditadura brasileira, Marco Aurélio Santana anotou que no quadragésimo aniversário do golpe (2004) houve uma "ausência dos trabalhadores" como tema de debate[58]. Também nas discussões impulsionadas pelo quinquagésimo aniversário (2014), esta "ausência" se repetiu. Marco Antonio Villa, um dos ícones do revisionismo, lançou nesta segunda data o livro *Ditadura à brasileira*, propondo uma síntese geral dos processos históricos entre 1964-1985, e também simplesmente ignorou por completo a deterioração das condições de vida e de luta dos trabalhadores. Tendo em vista essa "esquecida" deterioração, uma das discussões em aulas foram as políticas anti-trabalhista e anti-salarial da ditadura militar: a) implantação do FGTS, em 1966, e o

[57] DIAS, Luiz Antônio; SOUSA, Rafael Lopes. Entre a memória e o esquecimento, 1964-2014: o golpe ontem e hoje. *Projeto História*, São Paulo, n. 50, pp. 171-201, agosto. 2014. http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/24037/17663. Acesso em 01/07/2016.
[58] SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicatos e ditadura militar: o 1968 operário no Brasil. In: FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula de (Orgs). *1968 40 anos depois: história e memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 150.

fim da estabilidade no emprego, acentuando a “alta rotatividade” dos trabalhadores e dificultando a ação “combativa” no local de trabalho; b) o maior controle ao acesso a atividade sindical, fincado o candidato sujeito a rígida avaliação do Ministério do Trabalho e, ainda, com restrições aos benefícios previdenciários, agora centralizados no INPS; c) proibição prática, ainda que não posta em lei, do direito de greve por solidariedade, reivindicação ou motivo político; d) afastamento de representante dos trabalhadores do controle do INPS, diferente do que ocorria antes do golpe, quanto os trabalhadores também controlavam os “antigos institutos de pensão”; e) corte dos canais de pressão sindical junto as esferas de poder do Estado; f) “arrocho salarial” como único instrumento de contenção da inflação; g) enorme concentração de renda, mesmo naqueles anos de polpudo crescimento do PIB, conhecido como os anos do “milagre brasileiro”[59]. As duas últimas letras foram prontamente compreendidas pelos alunos e sem dúvida estão entre as mais dramáticas características da ditadura, atingindo o conjunto dos trabalhadores independente de qual tenha sido a postura de cada um. O salário mínimo de 1974 caiu para 54,8% do que valia em 1960[60], enquanto a *Folha de S. Paulo*, em artigo intitulado *O modelo brasileiro*, publicado no exato décimo aniversário do golpe, elogiava a política de arrocho contra a população[61]. Já as demais letras necessitaram de maior tempo e detalhamento. Foi necessário explicar o significado do FGTS e inclusive o de estabilidade no trabalho, estranhos para os alunos. Alguns deles ficaram estupefatos quanto a esta possibilidade, principalmente uma menina cujo pai perdeu o emprego recentemente.

Para o historiador catalão Joseph Fontana, toda narrativa historiográfica, como “reconstrução” social do passado, está implicitamente vinculada a uma dada “economia política” almejada e também a um “projeto para o futuro”. É sempre com o “filtro” dessa “economia política” defendida que um argumento histórico “reconstitui” o

---

[59] SANTANA, Marco Aurélio. “Ditadura Militar e resistência operária. O movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática”. *Política & Sociedade*. v. 7, n. 13. Florianópolis, 2008, p. 281-283. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2008v7n13p279/8605. Acesso em: 19/08/2016.

[60] MELO, Demiam Bezerra. “O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão”. In: _____ (org). *A miséria da historiografia*: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 173.

[61] “O modelo brasileiro”. *Folha de São Paulo*, 31 de março de 1974. Disponível em: http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1974/03/31/2//4346118. Acesso em 19/08/2016.

passado e também vislumbra um futuro[62]. Para o problema que nos interessou em sala de aula, efetivamente o trabalhismo de João Goulart não foi (não é) a "economia política" desejada pela imprensa hegemônica, entre as quais a *Folha de S. Paulo*. O "projeto para o futuro" desse jornal divergia bastante daquele defendido por João Goulart e logo se tornou absoluta a adesão desse diário ao golpe de 64 e a ditadura imposta[63]. O mesmo também se pode dizer dos atuais trabalhos historiográficos de Villa, nos quais o historiador demonstrou um ardente antijanguismo e antitrabalhismo[64].

Em razão dessas discussões teórico-metodológicas e do objetivo do revisionismo em ocultar os projetos políticos distintos para o país, demonstrando a ditadura simplesmente como mero resultado do déficit democráticos de todas as forças políticas da época, apresentamos dois vídeos hospedados no *youtube*, produzidos pela *UNIVESP TV* em razão do cinquentenário de 1964. Com o primeiro foi possível discutir com os alunos as propostas reformistas de João Goulart apresentadas no *Comício da Central do Brasil* em 13 de março de 1964: reformas agrária, tributária, política e outras. Foi muito tranquila a compreensão do significado e da importância da agrária (num contexto de intenso êxodo rural) e da extensão dos direitos políticos aos analfabetos, ainda inexistentes naquele período. Mas em relação a tributária houve certa dificuldade em função do senso comum midiático mostrar os tributos sempre como abusivos e vilões do Brasil. Então foi necessária uma intervenção mais aprofundada. Discuti que historicamente a distribuição da carga tributária brasileira é injusta, recaindo pesadamente sobre o consumo popular e, de outro lado, bastante leve sobre as altíssimas rendas, fazendo-se ainda hoje necessária uma reforma que inverta esta realidade e a torne mais próxima à de outros países mais desenvolvidos. Com o segundo vídeo foi possível discutir a *Marcha da família com Deus pela liberdade* de 19 de março de 1964, manifestação ocorrida em São Paulo, onde amplos seguimentos de classe média, contrários ao reformismo de João Goulart, pediram a intervenção militar. Aqui foi possível discutir a pauta moral desse segmento, mas nesse ponto houve uma dificuldade mais acentuada, sendo

---

[62] FONTANA, Josep. *História*: análise do passado e projeto social. São Paulo: Edusc, 1998, p. 9.

[63] KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda:* jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

[64]Para análise do antijanguismo e antitrabalhismo de Villa inscrito na sua obra *Jango, um perfil* ver: GARCIA, Miliandre. Os muitos perfis de... op. cit., 2005.

medianamente satisfatória a compreensão da lógica da "distinção"[65] social inscrita nestas camadas sociais, apegadas mais aos privilégios e avessas, portanto, a extensão de direitos universais.

Duas outras características do revisionismo histórico da ditadura militar brasileira são a busca por encurtá-la e justificá-la. Encurtam-na afirmando que os anos de 64 a 68 não foram de um regime ditatorial, sendo o seu início apenas em 13 de dezembro de 1968 com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI 5). Justificam-na afirmando que o ditador Costa e Silva o decretou em razão da violência dos opositores contra o regime supostamente ainda pacífico, iniciado em 1964. Seria como se o ditador legitimamente estivesse em reação a um mal maior. Essas são as posições do *Ditadura à brasileira*, onde Carlos Marighella, membro da Ação Libertadora Nacional (ALN), foi apresentado como co-responsável pela implantação da "tortura" como "método investigativo" dos militares. Para Villa, a tortura foi uma resposta do regime frente a suas ações de resistência[66]. Evidente que se trata de dois enormes absurdos, pois há, aqui, um estratégico esquecimento de várias outras tentativas golpistas da direita em 1954, 1955, 1960 e 1961[67] (além da exitosa em 64), que inevitavelmente gerariam resistências, além do esquecimento de que tal "método" de investigação foi utilizado "desde os primeiros momentos após o golpe", inclusive com o conhecimento e anuência do presidente ditador Castelo Branco. Dessa forma o Ato Institucional nº 5 foi o "amadurecimento de um processo que se iniciara muito antes" [68], sendo sem dúvida o mais grave, mas apenas um na escalada autoritária que impôs 17 deles. O significado dos cinco primeiro Atos Institucionais foi prontamente compreendido pelos alunos com maior consciência e inserção política. Mas ao fim, mesmo para aqueles com maior dificuldade inicial, o resultado foi bom. Com a ajuda dos próprios colegas também conseguiram compreender como a ditadura foi-se

---

[65] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.
[66] VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira...* op. cit., 2014, p. 112.
[67] TOLEDO, Caio Navarro de. "1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo". *Crítica Marxista*. http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo104critica19-A-toledo.pdf.
[68] FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.*Rev. Bras. Hist*., São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Available from<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=en&nrm=iso>. Access on 26 June 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003.

fechando e o regime autoritário se estabelecendo e se aprofundando com o tempo, minando qualquer resquício de participação cidadã e de democracia.

Outra das preocupações deste trabalho foi discutir com os alunos alguns encaminhamentos da ditadura militar sobre a educação, além da resistência estudantil ao regime, resistência que da perspectiva revisionista de Villa realizou um progressivo "afastamento das lutas democráticas"[69]. Em que pese o fato positivo do início da universalização da educação básica ter começado durante a ditadura, o desmantelamento das condições de ensino foi outra marca desse regime. A começar pelo arrocho salarial que recaiu também sobre os professores, levando-os a "proletarização" e a "depauperação" do seu "capital cultural"[70]. Mas esse foi um processo longo, ultrapassando os limites temporais da própria ditadura. Outras medidas, porém, foram tomadas imediatamente após o golpe, como a invasão da Universidade de Brasília, a aposentadoria forçada ou o exílio de muitos professores de ensino superior, além da marginalização/proibição da UNE e do movimento estudantil como um todo. Foi na esteira desses processos que vieram as várias reformas como a ditada pela lei Suplicy nº 4464, de novembro de 1964, visando substituir as entidades estudantis independentes por outras submetidas ao Ministério da Educação, além de cerceá-las do direito a manifestação política. O refinamento dessa lei veio com o decreto nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, que autorizava a expulsão do aluno de sua entidade educacional em razão da participação em atividade extra-escolar considerada subversiva. Por sua vez, o acordo entre Brasil e Estados Unidos, por meio dos órgãos MEC-USAID, visou, entre outros pontos, instituir uma educação "tecnicista e liberal" distanciada de projetos pedagógicos emancipadores que exigiriam uma maior "compreensão da história humana"[71]. A objetivação desse interesse da ditadura deu-se com a criação das licenciaturas curtas, das disciplinas de Estudos Sociais e de Educação Moral e Cívica, cujo resultado foi o esvaziamento total da disciplina de história.

---

[69] VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira...* op. cit. p. 128.

[70] FERREIRA JR., Amarilio; BITTAR, Marisa. A ditadura militar e a proletarização dos professores. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Aug. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302006000400005.

[71]SANTOS, Jordana de Souza. A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar. *AURORA* Marília, ano III, número 5, dezembro de 2009. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf. Acesso em: 23/08/2016.

Em razão disso tudo, a UNE, com sede queimada e posta na ilegalidade desde 64, começou a mobilizar-se e a organizar manifestações de rua, como a do dia 22 de setembro de 1966, data nomeada pela entidade como "Dia Nacional de Luta Contra a Ditadura". No Rio de Janeiro houve intensa repressão aos estudantes dessa manifestação, ficando famoso o "Massacre da Praia Vermelha", onde muitos alunos do ensino superior foram espancados e presos[72]. Após o assassinato do estudante secundarista Edson Luís (1968), o movimento estudantil também foi um dos grandes promotores da *Marcha dos 100 mil* e, no ano seguinte, alguns deles também participaram do sequestro do embaixador norte-americano a época. Charles Elbrick foi utilizado como moeda de troca para forçar o governo a libertar líderes estudantis detidos ainda em outubro de 1968 quando realizavam o XXX Congresso da UNE, em Ibiúna, interior de São Paulo. Na época a *Folha de S. Paulo* informou que foram detidos "cerca de mil estudantes", sendo a maioria libertada dias depois[73].

Houve por parte dos alunos o fácil entendimento de que a desqualificação que o revisionismo faz da luta especificamente estudantil (existente também em outros autores)[74] é parte da desqualificação geral que faz de todos os que lutaram contra a ditadura. O tolhimento das liberdades e autonomias dos estudantes também foi de fácil apreensão, mas o porquê do desmantelamento da disciplina de história foi mais complicado. Não entendiam porque uma "mera" disciplina escolar virou alvo da fúria autoritária, pois a relação entre a história e a memória coletiva, e destas como os projetos sociais, conforme Fontana, ainda não estavam suficientemente claras, sendo necessário maiores discussões a este respeito. Também a proletarização e o rebaixamento cultural do profissional professor não foram bem compreendidos, pois para a realidade deles os professores são hoje bem remunerados. Foi necessário um enorme e não muito frutífero exercício comparativo entre o status social dos professores do passado e do presente e dos professores com outros profissionais tidos como de classe média. Já os demais desmantelamentos das condições estruturais de ensino foram prontamente compreendidos. Mas a maior surpresa para os alunos foi a própria descoberta da participação direta de estudantes, muitos ainda adolescentes, nas manifestações, na *Batalha da Maria Antônia*, no sequestro de

---

[72] SANTOS, Jordana de Souza. A repressão ao... op, cit.
[73] "Congresso da UNE: todos presos". *Folha de S. Paulo*, 13 de outubro de 1968. Disponível em: http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1968/10/13/2//5168040. Acesso em 24/08/2016.
[74] GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 233.

Elbrick, alguns inclusive nas guerrilhas urbanas e no Araguaia e outras formas de resistência, com particular interesse na resistência cultural. Vídeos, fotos e imagens em geral foram de grande valia nestes estudos e um certo romantismo surgiu: “queria estar lá”, disse um aluno quando analisava uma imagem da *Marcha dos 100 mil*, reconhecendo o artista Caetano Veloso. Intervi dizendo que também gostaria, mas disse também que não foram tempos fáceis e que para quem experimenta as agruras do seu próprio tempo, às vezes ele tem pouco de belo.

Conclusões

Muitos outros subtemas foram trabalhados em sala de aula, a exemplo do episódio das derrotas das guerrilhas, o início da luta feminista pela anistia, a própria lei da anistia e a campanha das *Diretas Já*. Percebi que muitas das dificuldades para se alcançar estes objetivos foram comuns as de outras aulas não voltadas para o programa PDE. Não pude dar como conhecido nenhum termo, sequer o termo “golpe”, “ditadura” e muito menos outros como “revisionismo”, “memória” ou “guerrilheiro”. Explicá-los e exemplificá-los foram atividades corriqueiras na implementação destes estudos. Às vezes vi necessidade de retomá-los, pois, ao contrário do que imaginava, ainda não estavam suficientemente claros. Outra dificuldade que senti foi com alguns alunos que ainda entendiam o mundo social como natural, não como algo forjado nas lutas históricas das pessoas do passado e do presente. Tive particular dificuldade em demonstrar para estes os distintos projetos sociais em disputa no período que antecedeu o golpe. Engraçado que nesta tarefa, alguns outros alunos iniciados na vida pública intervieram ajudando os colegas em dificuldade.

Estes mesmos alunos com a dificuldade acima anotado, também tiveram dificuldade para compreender as disputas pela história e pela memória. Foi dificultoso mediá-los até o entendimento de que os processos de seleção das reminiscências são enviesados e moldados a partir da identidade e do lugar social de onde o historiador ou a mídia falam, a exemplo de Villa e a *Folha de S. Paulo*. Mas ainda assim os resultados almejados foram alcançados. Além do mais estas dificuldades anotadas eu as esperava inicialmente, mas também me surpreendi positivamente como uma parcela dos alunos tiveram facilidade para a compreensão. Foi prazeroso vê-los dar exemplos a partir de suas próprias experiências. A receptividade ao projeto foi boa, pois muitos alunos queriam mesmo conhecer a história da ditadura, do

movimento estudantil, da resistência, ainda mais que alguns deles tinham memória fresca dos movimentos de ocupações das escolas públicas do Paraná.

Referências

AMORIM, Paulo Henrique. “Folha, o jornal da ‘Ditabranda’, oculta crimes da ditadura”. *Vermelho*, 27/11/2009. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia/120231-6. Extraído de Acesso em 24/05/2016. O portal *Vermelho* extraiu esta matéria do blog *Conversaafiada* de Paulo Henrique Amorim.

AMORIM, Paulo Henrique. “Quem pariu a Ditabranda. É a turma da ‘catástrofe’ antecipada e não consumada”. *Conversaafiada*, 19/03/2009. Disponível em: http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2014/03/19/quem-pariu-a-ditabranda. Acesso em 24/05/2009.

ANDERSON, Perry. “Balanço do Neoliberalismo”. In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo Gentil (Org.). *Pós-neoliberalismo*: As políticas Sociais e o Estado Democrático. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AZEVEDO, Reinaldo. “Maria Victoria e Comparato usam lei da ditadura para contestar ditabranda”. *Blog Reinaldo Azevedo. Veja*, 14/03/2009. Disponível em: http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/maria-victoria-e-comparato-usam-lei-da-ditadura-para-contestar-a-ditabranda/. Acesso em 06/05/2016.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. 1964: um golpe de classe? (Sobre um livro de René Dreifuss). *Lua Nova*, São Paulo, n. 58, p. 255-261, 2003. Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000100012&lng=en&nrm=iso>. accesson 01 July 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452003000100012.

BENEVIDES, Maria Victória. “Ditabranda para quem”? *Carta Capital*, 02/03/2009. Extraído do diretório estadual do PT de Minas Gerais. Disponível em: http://www.ptmg.org.br/ditabranda-para-quem-por-maria-victoria-de-mesquita-benevides/#.V2244KIYs4A. Acesso em 24/06/2016.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

CAMARGO, J. S. Interação professor-aluno: a escola como espaço interativo: In: MARTINS, J. B. *Na perspectiva de Vygotsky*. Londrina: Cefil; São Paulo: Quebra Nozes, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CONSTANTINO, Rodrigo. “O contexto de 1964”. *Blog Rodrigo Constantino*, 01 de março de 2009. Disponível em: http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2009/03/o-contexto-em-1964.html. Acesso em 18/06/2016.

DA REPORTAGEM LOCAL. “Manifestação contra a Folha reúne 300 pessoas em frente ao jornal”. *Folha de São Paulo*, 08/03/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0803200906.htm. Acesso em 09/05/2016.

DIAS, Luiz Antônio; SOUSA, Rafael Lopes. Entre a memória e o esquecimento, 1964-2014: o golpe ontem e hoje. *Projeto História*, São Paulo, n. 50, pp. 171-201, agosto. 2014. http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/24037/17663. Acesso em 01/07/2016.

DREIFUSS, René. 1964: *A conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis, Vozes, 1981.

DREIFUSS, René. *A internacional capitalista:* estratégias e táticas do empresariado transnacional (1918-1986). Rio de Janeiro: Espaço Tempo, 1986.

EDITORIAL. “Limites a Chaves”. *Folha de S. Paulo*, 17/02/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1702200901.htm. Acesso em 05/05/2016.

FAURISSON. R. Three Letters from R. Faurisson to *Le Monde* (1978-1979)”. The Unofficial blog, 08/05/2000. Encontrado em: http://robertfaurisson.blogspot.com.br/2009/09/three-letters-from-professor-faurisson.html. Acesso em: 24/10/2017.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

FERREIRA JR., Amarilio; BITTAR, Marisa. A ditadura militar e a proletarização dos professores. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Aug. 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302006000400005.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.*Rev. Bras. Hist*., São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Available from<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=en&nrm=iso>. Access on 26 June 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003.

FILHO, Otávio Frias. “Painel do Leitor”, *Folha de S. Paulo*, 20/02/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2002200910.htm. Acesso em 09/05/2016.

FONTANA, Josep. *História*: análise do passado e projeto social. São Paulo: Edusc, 1998.

GARCIA, Miliandre. Os muitos perfis de Jango. *Rev. Sociol. Polit*., Curitiba, n. 24, p. 251-255, June 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782005000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 26 June 2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782005000100017.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUILLERMO O’Donnell. *Reflexões sobre os estados burocrático-autoritários*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. “Pela Justiça e Paz no Brasil”. *Cidadania.com – Uol blog*, 07/03/2009. Disponível em: http://edu.guim.blog.uol.com.br/arch2009-03-01_2009-03-07.html. Acesso em 06/05/2016.

HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Informações coletadas da Plataforma Lattes. Acesso em 24/04/2016. Também coletadas no Blog do Marco Antonio Villa. Disponível em: http://www.marcovilla.com.br/2016/05/lancamento-meu-novo-livro-collor-presidente.html. Acesso em 08/05/2016.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda:* jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

MAESTRI, Mário; JAKOBSKIND, Mário. “A historiografia envergonhada”. *Revista Espaço Acadêmico* – Ano III – Nº 24 – Maio de 2003 – Mensal – ISSN 1590.6186. http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_gaspari.htm. Acesso em 26/05/2016.

MAINARDI, Diogo “Vichy do PT”. *Veja*, 26/02/2009. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/podcasts/mainardi/integra_260209.html. Acesso em 24/06/2016.

MANIFESTO “Repúdio e Solidariedade”. *Ipepition*, s/d Disponível em: https://www.ipetitions.com/petition/solidariedadeabenevidesecomparat/. Acesso em 27/05/2017.

MELO Demian Bezerra de. Nolte e a historiografia revisionista. *Junho Blog*. 20/08/2016. http://blogjunho.com.br/ernst-nolte-e-a-historiografia-revisionista/#_ftn12. Acesso em 29/08/2016.

MELO, Demiam Bezerra. “O Golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão”. In: _____ (org). *A miséria da historiografia*: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MELO, Demian Bezerra de. “A historietografia de Marco Antonio Villa: um negacionista à brasileira”. *Hum historiador*. 07/02/2014. Disponível em: https://umhistoriador.wordpress.com/2014/02/07/a-historietografia-de-marco-antonio-vila-um-negacionismo-a-brasileira/. Acesso em 18/05/2016.

MELO, Demian Bezerra de. “Revisão e revisionismo historiográfico: as disputas pelo passado e os embates políticos contemporâneos”. *Marx e o Marxismo*, Niterói, v.1, n.1, p.49-74 jul/dez 2013. Disponível em: http://www.marxeomarxismo.uff.br/index.php/MM/article/view/11/7. Acesso em 12/08/1016.

MELO, Demian. O golpe de 1964 como uma ação de classe. *Revista – Verdade, Memória, Justiça*, janeiro de 2013. Disponível em www.revistavjm.com.br/artigos/o-golpe-de-1964-como-uma-acao-de-classe/. Acesso em 09/08/2016.

MENESES, Sônia. “Entre a Ditadura e a Ditabranda: mídia, memória e esquecimento – a atuação da Folha de S. Paulo no golpe de 1964”. *VII Encontro Nacional de História da Mídia*: Mídia Alternativa e Alternativas Midiáticas. Fortaleza, 19 a 21 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-

1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Entre%20a%20Ditadura%20e%20a%20201cDitabranda201d.pdf. Acesso em 25/05/2016.

MOA, Pío. *Los orígenes de la Guerra Civil española*. Madrid: Encontro, 2009, p. 398.

NOLTE, Ernst. "O passado que não quer passar*". Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 25, p.10-15, 1989. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/59/20080623_passado_que_nao_quer_passar.pdf. Acesso em 12/08/2016.

NOTA DA REDAÇÃO. "Painel do Leitor". *Folha de S. Paulo.* Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1902200910.htm. Acesso em 10/10/2017.

O Escândalo da "Ditabranda". *Youtube*, 01/04/2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ymyFnhV9_vA. Acesso em 25/06/2016.

OLIVEIRA, Francisco. *Crítica a razão dualista*. O ornitorrinco. São Paulo, Boitempo, 2003.

RAMALHO, Renan. "Controvérsias sobre o dia do golpe de 1964 ainda divide historiadores". *G1*, 31/03/2014. Disponível em: http://g1.globo.com/politica/50-anos-do-golpe-militar/noticia/2014/03/controversia-sobre-o-dia-do-golpe-de-1964-ainda-divide-historiadores.html. Acesso em: 30/08/2016.

RASSINIER, Paul. *La Mentira de Ulises*. Barcelona: l'AAARGH, [1951], 2003. Disponível em: https://pt.slideshare.net/MurodelHonor/la-mentira-de-ulises-paul-rassinier. Acesso em 24/10/2017.

REDAÇÃO. "Folha avalia que errou, mas reitera críticas". *Folha de S. Paulo*, 08/03/2009. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0803200907.htm. Acesso em 09/05/2016.

SANTANA, Marco Aurélio. "Ditadura Militar e resistência operária. O movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática". *Política & Sociedade*. v. 7, n. 13. Florianópolis, 2008, p. 281-283. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2008v7n13p279/8605. Acesso em: 19/08/2016.

SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores, sindicatos e ditadura militar: o 1968 operário no Brasil. In: FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula de (Orgs). *1968 40 anos depois: história e memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

SANTOS, Jordana de Souza. A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar. *AURORA* Marília, ano III, número 5, dezembro de 2009. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdfAcesso em: 23/08/2016.

"Congresso da UNE: todos presos". *Folha de S. Paulo*, 13 de outubro de 1968. Disponível em: http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1968/10/13/2//5168040. Acesso em 24/08/2016.

SILVA, Carla Luciana. Imprensa e construção social da "Ditabranda". In: MELO, Demian Bezerra (org). *A miséria da historiografia*. Rio de Janeiro, 2014.

SOUTELO, Luciana de Castro. *A memória do 25 de Abril nos anos do cavaquismo*: o desenvolvimento do *revisionismo histórico* através da imprensa (1985-1995). Dissertação de mestrado em História Contemporânea. Universidade do Porto, Porto, setembro de 2009.

TOLEDO, Caio Navarro de. "1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo". *Crítica Marxista*. http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo104critica19-A-toledo.pdf.

TOLEDO, Caio Navarro de. Crônica política sobre um documento contra a "ditabranda". *Rev. Sociol. Polit*., Curitiba, v. 17, n. 34, p. 209-217, out. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782009000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24/06/2016. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782009000300014.

TOLEDO, Renato Godoy de. "Para Folha de S. Paulo, regime militar no Brasil foi 'ditabranda'" *Brasil de Fato*, 26 de fevereiro a 4 de março de 2009. Disponível em: https://issuu.com/brasildefato/docs/bdf_313. Acesso em 27/05/2017.

ULHÔA, Raquel. "Historiador diz que série busca visão independente". *Folha de S. Paulo*, 08/01/2001. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0801200104.htm. Acesso em 07/05/2016.

VARELA, Raquel. Conflito ou coesão social? Apontamentos sobre história e memória da Revolução dos Cravos (1974-1975). In: MELO, Demian Bezerra de (org). *A miséria da historiografia*: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

VIANNA, Rodrigo. "Otavinho Frias mentiu. Comparato criticou Cuba; Ombudsman reconhece 'erro factual' da Folha". *Revista Fórum*. Postado em 11/03/2009. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/radar-da-midia/otavinho-frias-mentiu-comparato-criticou-cuba-ombudsman-reconhece-%C2%B4erro-factual%C2%B4-da-folha/. Acesso em 06/05/2016.

VILLA, Marco Antonio. "Adeus PT". *Instituto Millenium*. 07/05/2014. Disponível em: http://www.institutomillenium.org.br/artigos/adeus-pt/. Acesso em 29/06/2016.

VILLA, Marco Antonio. "Golpe à brasileira". *Estadão*, 19/02/2014. Disponível em: http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,golpe-a-brasileira-imp-,1131917. Acesso em 24/05/2016.

VILLA, Marco Antonio. "Onde está a oposição"? *Instituto Millenium*, 11/08/2010. Disponível em: http://www.institutomillenium.org.br/artigos/onde-esta-a-oposicao/. Acesso em 17/06/2016.

VILLA, Marco Antonio. *Ditadura à brasileira (1964-1985):* a democracia golpeada à direita e à esquerda. São Paulo: LeYa, 2014.

VILLA, Marco Antonio. *Jango, um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo, 2004.

VIVI. "Folha e a Ditabranda". *GGN*, 20/02/2009. Disponível em: http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-folha-e-a-ditabranda. Acesso em 24/05/2014.